

## *A naturalização da rede em Castells*

José Luiz Aidar Prado

(Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP)

Resumo: Este artigo pretende examinar as conclusões de Manuel Castells em sua trilogia "A sociedade em rede", fazendo a crítica da naturalização do conceito de rede. Isso será realizado sintetizando as posições de Castells, e confrontando-as posteriormente com a teoria de Ulrich Beck em seu livro "O que é a globalização?" Minha intenção é indicar como se pode examinar a sociedade em rede sem naturalizar o conceito de rede, isto é, sem imaginar que a constituição das redes resultou de uma evolução natural, inerente do capitalismo. Daí decorre a questão: como pensar a globalização hoje, sem cair nessa naturalização da rede? A constituição das redes é apenas um dos dados do problema, que deve ser pensado a partir de sua constituição histórica e como um campo de controvérsias.

Palavras-chave: globalização, rede, crítica.

A trilogia "A sociedade em rede" de Manuel Castells, como o próprio nome indica, defende a tese de que há uma tendência histórica dos processos dominantes na era da informação de se organizar em torno de redes. Para Castells, as redes constituem "a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura."(Castells, 1999:497). Se por um lado Castells reconhece que isso não é novo, por outro defende que a novidade está na existência de uma base material para sua expansão penetrante na estrutura social. Pretendo, nesse artigo, discutir essa posição de Castells, confrontando-a com outro tipo de posição, a partir de uma análise de livro de Ulrich Beck, em que esse autor realiza a crítica do globalismo unidimensional, propondo a reconstrução do conceito de globalização a partir de uma leitura multidimensional.

Partirei de Castells, retomando principalmente a síntese que ele empreende na conclusão do primeiro livro da trilogia. O que é rede? É um conjunto de nós interconectados.

“O que é um nó depende do tipo de redes concretas (...). São mercados de bolsas de valores e suas centrais de serviços auxiliares avançados na rede dos fluxos financeiros globais. São conselhos nacionais de ministros e comissários europeus da rede política que governa a União Européia. São campos de coca e papoula, laboratórios clandestinos, pistas de aterrisagem secretas, gangues de rua e instituições financeiras para lavagem de dinheiro na rede de tráfico de drogas que invade as economias, sociedades e Estados do mundo inteiro. São sistemas de televisão, estúdios de entretenimento, meios de computação gráfica, equipes para cobertura jornalística e equipamentos móveis gerando, transmitindo e recebendo sinais na rede global da nova mídia no âmbito da expressão cultural e da opinião pública, na era da informação”(idem:498).

Para Castells a inclusão/exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologias rapidíssimas da informação, "configuram os processos e funções predominantes em nossas sociedades”(idem). Redes são estruturas abertas que tendem a se expandir, gerando novos nós, que compartilham os mesmos códigos de comunicação (valores ou objetivos de desempenho). Diz Castells:

“redes são instrumentos para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise a suplantação do espaço e invalidação do tempo. Mas a morfologia da rede também é uma fonte de drástica reorganização das relações de poder”(idem).

Analisemos de perto essa frase. "Redes são instrumentos para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada". A rede não serve ao trabalhador, mas ao capital flexível, dito "inovador". Que capitalismo é esse? O capitalismo sem trabalho e sem impostos, na expressão de Beck (1998). Um capitalismo em que as empresas aumentaram os lucros nas últimas décadas e reduziram impostos pagos. Diz Beck: "Os países da União Européia enriqueceram nos últimos 20 anos entre 50 e 70%. A economia cresceu muito mais depressa que a população. Contudo, a UE conta agora com 20 milhões de desempregados, 50 milhões de pobres e 5 milhões de pessoas sem teto"(Beck,1998:21). A pergunta é: para onde foi esse mais-de-riqueza?

No discurso de Castells é enfatizada a necessidade lógica de estar-em-rede: para não sucumbir é preciso estar nas redes. Fora delas não há salvação. Do ponto de vista do trabalho, trabalhadores e empresas devem voltar-se para a flexibilidade e

adaptabilidade, conceitos mágicos do neoliberalismo. Caberia perguntar: e os trabalhadores que estão fora-das-redes? Como devem proceder para incluir-se nas redes? Ou haveria outro caminho fora deste duo: estar ou não-estar nas redes?

Não interessa o conteúdo circulante da rede, o que importa é sua circulação e seu consumo rápidos e geradores de enormes lucros<sup>1</sup>. A grande diferença aí se coloca: *estar* ou não nas redes. Na sociedade em rede de Castells há primazia da morfologia sobre a ação social, espécie de estruturalismo globalista. A lógica de redes gera “uma determinação social em nível mais alto que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder”(idem:497).

Frase interessante. Examinemo-la mais de perto. A frase, assim delineada para fazer graça com o eco das palavras, fica linearizada e omite a questão: essa *importância*, a quem serve? Quem se serve da importância do poder dos fluxos? Quem se aproveita desse poder, quem o detém? Quem tem poder para circular nas redes financeiras (as instituições, as multinacionais, as elites governantes, os empresários) será que não aproveita para circular nos traçados das redes de fluxos de poder, materializados pela circulação de informações e articulações neoliberais da OMC, do FMI, do Banco Mundial etc? Essa frase simpática, talhada para localizar na rede o umbigo do mundo-novo, naturaliza a rede, ocultando o modo de constituição da rede neoliberal em que os fluxos de poder circulam para construir o poder da rede, ou seja, o poder dos fluxos, que aliás é mais importante do que os fluxos do poder. Será? Se há poder nos fluxos é porque os fluxos são suportados por uma rede que não é somente rede de tubos condutores de sentidos e informações, bits anódinos, neutros, mas rede de interesses para a reprodução galopante do capital.

### *O capital financeiro*

Castells ainda fala em capitalismo, enfatizando, porém, que se trata de um tipo diferente:

“tem duas características distintas fundamentais: é global e estruturado, em grande medida em uma rede de fluxos financeiros. O capital funciona globalmente como uma unidade em tempo real; e é percebido, investido e acumulado principalmente na esfera de circulação, isto é, como capital

financeiro. (...) A acumulação de capital prossegue e sua realização de valor é cada vez mais gerada nos mercados financeiros globais estabelecidos pelas redes de informação no espaço intemporal de fluxos financeiros. A partir dessas redes o capital é investido por todo o globo e em todos os setores de atividade: informação, negócios de mídia, serviços avançados, produção agrícola, saúde, educação, tecnologia, indústria antiga e nova, transporte, comércio, turismo, cultura, gerenciamento ambiental, bens imobiliários, práticas de guerra e de paz, religião, entretenimento e esportes. (...) Qualquer lucro (...) é revertido para a metarrede de fluxos financeiros, na qual todo o capital é equalizado na democracia da geração de lucros transformada em *commodities*. Nesse cassino global eletrônico capitais específicos elevam-se ou diminuem drasticamente, definindo o destino de empresas, poupanças familiares, moedas nacionais e economias regionais. O resultado da rede é zero: os perdedores pagam pelos ganhadores”(Castells, idem:500).

Para sua operação e concorrência, o capital financeiro depende do conhecimento e da informação gerados pela tecnologia da informação. “É na interação entre o investimento em empresas lucrativas e o uso dos lucros acumulados para fazê-los frutificar nas redes financeiras globais que o processo de acumulação se baseia”(idem). O capital financeiro condiciona o destino das indústrias de alta tecnologia. Por outro lado, a tecnologia e a informação são ferramentas decisivas para gerar lucros e apropriar fatias de mercado. “Assim, o capital financeiro, a alta tecnologia e o capital industrial, estão cada vez mais interdependentes, mesmo quando seus modos operacionais são específicos a cada setor”(idem). Resumindo: “o capital é global ou se torna global para entrar no processo de acumulação da economia em rede eletrônica. (...) O capital flui e suas atividades induzidas de produção/gerenciamento/distribuição espalham-se por redes interconectadas de geometria variável”(idem:501).

O que ocorre com a mão-de-obra e com as relações sociais de produção? De acordo com Castells há mais empregos do que em outras épocas, devido à ampla incorporação de mulheres ao mercado de trabalho. “A difusão das tecnologias da informação, embora sem dúvida dispense trabalhadores e elimine alguns postos de trabalho, não resultou e provavelmente não resultará em desemprego em massa no futuro previsível”. (idem:502). Por outro lado, as relações sociais entre capital e trabalho "sofreram uma transformação profunda”(idem). O capital é global, o trabalho em geral é local.

“O informacionalismo, em sua realidade histórica, leva à concentração e globalização do capital exatamente pelo emprego do poder descentralizador das redes. A mão-de-obra está desagregada em seu desempenho, fragmentada em sua organização, diversificada em sua existência, dividida

em sua ação coletiva. As redes convergem para uma metarrede de capital que integra os interesses capitalistas em âmbito geral e por setores e esferas de atividades (...). Os trabalhadores perdem sua identidade coletiva, tornam-se cada vez mais individualizados quanto a suas capacidades, condições de trabalho, interesses e projetos”(idem:503).

Dupas chama esse posicionamento de Castells de "otimismo contido". As profundas transformações no mundo do trabalho no capitalismo flexível da era da informação não tem como consequência o aumento do desemprego. Isso poderia ser comprovado "pelo fato de que as sociedades tecnologicamente mais avançadas -- principalmente Estados Unidos e Japão -- , países que criaram a maior quantidade de postos de trabalho nos anos 80 e 90 -- apresentaram menores índices de desemprego"(Dupas,2000:185). A difusão das tecnologias de informação não provoca desemprego, "pois reduz tempo de trabalho por unidade de produção e aumenta a necessidade de flexibilidade do trabalho, individualizando ainda mais cada trabalhador"(idem). A oferta de empregos migra para as regiões mais pobres:

"A globalização da manufatura e o traslado da produção a regiões de custos mais baixos deslocam empregos para essas regiões, favorecendo a criação de postos de trabalho mais qualificados nos países centrais(...) Castells afirma que há mais postos de trabalho e uma proporção mais elevada de pessoas em idade de trabalhar empregadas que em nenhum outro momento da história, especialmente pela incorporação maciça da mulher ao trabalho remunerado, sem ter causado fraturas importantes no mercado. Segundo ele, a difusão das tecnologias da informação não tem como resultado um desemprego massivo, nem parece que o fará em um futuro previsível" (idem:186).

Evidentemente Castells ignora a realidade do desemprego na grande maioria dos países periféricos (idem:187). Para Castells o grande problema não está no desemprego, mas sim na deterioração das condições de trabalho, "fato demonstrado pela explosão do trabalho infantil na última década"(idem:188). Esse otimismo contido assim se formata: a sociedade em rede, operando as tecnologias da informação, produz maravilhas, mas convive com a precarização do trabalho. Essa contenção do otimismo funciona como um dique à adesão fácil, mas não propõe modelos de resistência aos desmandos do capital, apenas informa, construindo um texto descritivo-informativo, que opera a partir do conceito naturalizado de rede.

A definição de Castells coloca no mesmo saco inúmeros tipos de redes, como os mercados de bolsas de valores, a circulação das drogas, as redes de televisão, as coberturas jornalísticas etc. Devemos tratar no mesmo nível de análise as redes que

globalizam o capital e as redes que globalizam cultura? A chave está em discutir o enredamento em rede: como esse enredar-se pode servir à globalização entendida no sentido pluralista do termo e não somente como globalização financeira? Se optássemos por realizar a crítica desse enredamento economicista do neoliberalismo da sociedade em rede, teríamos de construir a crítica a partir dessa distinção. Retomemos Beck:

"Por globalismo entendo a concepção segundo a qual o mercado mundial desaloja ou substitui o fazer político; ou seja, a ideologia do domínio do mercado mundial ou a ideologia do liberalismo. Essa procede de maneira monocausal e economicista e reduz a pluridimensionalidade da globalização a uma só dimensão, a econômica, dimensão que considera de maneira linear e põe sob o tapete todas as demais dimensões (as globalizações ecológica, cultural, política e social) só para destacar o presumido predomínio do sistema do mercado mundial"(Beck,idem:27).

### *Desnaturalizando*

Capital e trabalho parecem não necessitar mais de diplomatas ancorados na modernidade que realizem acordos, pois

"Embora as relações capitalistas de produção ainda persistam, capital e trabalho tendem cada vez mais a existir em diferentes espaços e tempos: o espaço dos fluxos e o espaço dos lugares, tempo instantâneo de redes computadorizadas versus tempo cronológico da vida cotidiana. Então, eles vivem lado a lado sem se relacionarem, à medida que a existência do capital global depende cada vez menos do trabalho específico e cada vez mais do trabalho genérico acumulado, operado por um pequeno grupo de cérebros que habita os palácios virtuais das redes globais". (idem:503)<sup>2</sup>

Dito assim com essa simplicidade de "como as coisas são", ou como diria Nelson Rodrigues, do "a vida como ela é", o que fazer senão registrar e adaptar-se a essa nova realidade do mundo? Se por outro lado, o autor tentasse reconstruir o modo pelo qual o neoliberalismo erigiu suas redes e separou capital e trabalho, seria possível evitar essa naturalização na análise das redes. O discurso de Castells naturaliza na medida em que não fala de um confronto, ocultando o conflito básico entre as redes neoliberais de produção do discurso neoliberal naturalizador das redes, e as redes de resistência, como as empreendidas em Seattle, contra a OMC. É evidente que para combater o neoliberalismo foi necessário estar em rede, na internet, com a participações de inúmeras ongs. Mas nesse caso não se tratou de *estar* simplesmente na rede, mas estar na rede *para* combater o liberalismo da OMC. É isso que restitui o espaço da política na

construção de redes naturalizadas. O que interessa aqui não é simplesmente estar em rede, mas estar na rede para combater o economicismo globalista, transformando a globalização num discurso político sobre o futuro da democracia.

### *A mídia em rede*

Para Castells "as expressões culturais são retiradas da história e da geografia e tornam-se predominantemente mediadas pelas redes de comunicação eletrônica que interagem com o público e por meio dele em uma diversidade de códigos e valores, por fim incluídos em um hipertexto audiovisual digitalizado"(idem:504).

Em outras palavras, a cultura é retirada da história, naturalizada, transformando-se em texto digital hipertextual midiático. Novamente Castells cai em seu procedimento descritivo-informativo, esquecendo-se de que o mundo midiático tornou-se entretenimento, sendo um dos grandes espaços de investimento do capital neoliberal. A saída é fazer a crítica dos textos, como aliás não podia deixar de ser. Aí algumas semióticas, bem como análises do discurso, cumprem uma função crítica fundamental, revelando os mecanismos discursivos na mídia.

Nesse sentido, o conceito de "política" de Castells é desorientado. A política para ele não é a arte da inscrição da voz excluída, mas politicagem (polícia, diria Rancière).

"Como a informação e a comunicação circulam basicamente pelo sistema de mídia diversificado, porém abrangente, a prática da política é crescente no sistema da mídia. A liderança é personalizada e formação de imagem é geração de poder. Não que toda política possa ser reduzida a efeitos de mídia ou que valores e interesses sejam indiferentes para os resultados políticos. Mas sejam quais forem os atores políticos e suas preferências, eles existem no jogo do poder praticado através da mídia e por ela, nos vários e cada vez mais diversos sistemas de mídia que incluem as redes de comunicação mediada por computadores" (idem).

### *O intemporal castellano*

Para Castells

"o tempo intemporal parece ser o resultado da negação do tempo -- passado e futuro -- nas redes do espaço de fluxos. Enquanto isso, o tempo cronológico, medido e avaliado diferencialmente para cada processo de acordo com sua posição na rede, continua a caracterizar as funções

subordinadas e os locais específicos. O fim da história, estabelecido na circularidade dos fluxos financeiros computadorizados ou na instantaneidade das guerras cirúrgicas, domina o tempo biológico da pobreza ou o tempo mecânico do trabalho industrial. A construção social das novas formas dominantes de espaço e tempo desenvolve uma metarrede que ignora as funções não essenciais, os grupos sociais subordinados e os territórios desvalorizados. Com isso, gera-se uma distância social infinita entre essa metarrede e a maioria das pessoas, atividades e locais do mundo. Não que as pessoas, locais e atividades desapareçam. Mas seu sentido estrutural deixa de existir, incluído na lógica invisível da metarrede em que se produz valor, criam-se códigos culturais e decide-se o poder. Cada vez mais, a nova ordem social, a sociedade em rede, parece uma metadesordem social para a maior parte das pessoas. Ou seja, uma sequência automática e aleatória de eventos, derivada da lógica incontrolável dos mercados, tecnologia, ordem geográfica ou determinação biológica"(idem:505).

A sociedade em rede representa, para Castells, "uma transformação qualitativa da experiência humana". Em termos de relação entre natureza e cultura, o primeiro modelo foi o de dominação da natureza sobre a cultura, o segundo foi o de dominação da natureza pela cultura (era moderna, revolução industrial) e no novo estágio atual a cultura se refere à cultura, "suplantando a natureza a ponto de a natureza ser renovada artificialmente como uma forma cultural". Entramos em um "modelo genuinamente cultural de interação e organização social. Por isso é que a informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos das mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social"(idem:505). É o começo de uma nova existência, "marcada pela autonomia da cultura *vis-à-vis* as bases materiais de nossa existência".

A construção dessa rede se fez passo a passo, com investimentos e políticas públicas dos países mais ricos, principalmente EUA e Inglaterra, os dois últimos países hegemônicos do globo. Essa rede acolhe os objetos de discurso e sinais enviados pela parcela eufórica da sociedade, os incluídos na rede; mas resta a outra parcela, os excluídos da rede, parcela disfórica *out of the net*.

### *A crítica e o debate*

Para finalizar, gostaria de indagar como devemos abrir o debate sobre a configuração política da globalização, no sentido de desnaturalizar essa idéia de sociedade em rede. Vou acompanhar a proposta de U. Beck, confrontando essa posição com a de Castells. Esse confronto é interessante, na medida em que Beck não assume a



posição de "otimismo contido" de que falamos, mas constrói sua análise a partir de uma crítica cerrada ao globalismo unidimensional, propondo a reconstrução da idéia de globalização multidimensional. Nesse aspecto, a rede pode ser desnaturalizada, pois ela deixa de ser o resultado de processos "naturais" constitutivos do capitalismo, e passa a ser encarada como uma construção cultural, discursiva, histórica, cujo processo de constituição pode ser reconstruído e questionado, indicando-se novas direções para pensar a globalização. Quando Beck tenta questionar esse pressuposto do neoliberalismo de que o homem natural é esse ser competitivo que deve ser regulado pelo mercado, ele propõe uma dimensão normativa, antinaturalista, que busca repensar a globalização em seu caráter multidimensional.

É preciso, de acordo com Beck, fazer crítica da ideologia neoliberal do globalismo, de sua "unidimensionalidade econômica, de seu pensamento único linear, de seu autoritarismo político em relação ao mercado mundial, que se impõe apoliticamente e que atua de maneira altamente política"(Beck, idem:181). Essa discussão não deve conduzir a uma nostalgia pelo estado social (*welfare state*) ou pelo estado nacional. Há uma irreversibilidade da globalização e "qualquer proposta política deve partir daí, ou seja, da idéia de uma sociedade mundial policêntrica e contingente"(idem:163). A sociedade mundial é sem estado mundial e sem governo mundial. "Estamos diante de um capitalismo globalmente desorganizado, pois no aspecto econômico e político não existe nenhum poder hegemônico nem nenhum regime internacional"(idem). Não se trata de combater a globalização, mas sim o globalismo economicista. Beck propõe algumas saídas<sup>3</sup> de como evitar os erros do globalismo<sup>4</sup>, sugerindo pensar em:

- 1- Cooperação internacional entre países, visando impedir que "as empresas globais minimizem a carga de impostos e maximizem as subvenções estatais. A este respeito a tarefa da política consiste em clarificar diante da opinião pública que a globalização não pode significar abandonar tudo às forças de mercado. Ao contrário, com a globalização aumenta a necessidade de regulações internacionais vinculantes, de convenções e instituições internacionais no âmbito das transações interfronteiriças "(Beck, idem:182). Beck não está propondo aqui um estado mundial, mas um acordo responsável entre as nações.
- 2- Soberania incluyente – a cooperação não deve impedir, mas fazer crescer a produtividade e a soberania dos estados particulares: "os agentes nacionais ganham espaços de configuração política na medida em que conseguem incrementar a riqueza pública e econômica graças à cooperação transnacional.

Consequentemente os estados transnacionais são estados *comerciais* globais que também se distanciaram do princípio do território excludente e das prioridades do cálculo geopolítico”(idem:186). A renúncia a direitos de soberania é acompanhada da aquisição de poder político configurador em virtude da cooperação internacional”(idem:190). Isso só se realiza concebendo a globalização como projeto político. Como atingir a estrutura política de estados transnacionais? Responde Beck: a partir do pacifismo jurídico (construção de direito internacional para resolução de conflitos) e do princípio federalista de controle interestatal (“política de autointegração ativa dos estados singulares em uma dependência prática internacional” – idem, 189).

- 3- Participação no capital – se o trabalho é substituído pelo conhecimento e pelo capital, então “uma nova política social pode orientar-se ao objetivo de que o trabalho participe do capital” (idem:190). A política de salários deveria transformar-se em uma política de participação no capital (aqui permanece a questão: como resolver o problema do desemprego crescente?) Evidentemente esse ponto é bastante controverso hoje, principalmente porque o globalismo vai no sentido contrário. Seria necessário estudar como isso poderia ser proposto.
- 4- Reorientação da política educativa - o trabalho deve ser configurado pelo conhecimento. Ao invés de subvencionar “marcas” nacionais, “os políticos deveriam dirigir o dinheiro para o conhecimento e a formação a fim de facilitar aos cidadãos as capacidades e orientações para situar-se adequadamente no cenário e contradições da sociedade mundial”(idem:191). Ele não fala aqui de “educação continuada” ou de “flexibilidade”, mas situar a formação “em contextos de competência social, capacidade de direção, habilidade diante de conflitos, compreensão cultural, mentalidade de relação e acesso às inseguranças e paradoxos da segunda modernidade”(idem).
- 5- As empresas transnacionais são antidemocráticas? Essa questão se coloca numa época em que o capitalismo se torna “sem impostos”. Como pensar o futuro da democracia em relação a esses contribuintes virtuais e esse capital transnacional virtual? Isso só se pode resolver a partir de regulação internacional. É preciso pensar formas de ancoragem da autorealização sem limites do capital (vide Beck, p.194).

Minha intenção não foi a de esgotar a posição de Beck, apenas indicar como se pode examinar a sociedade em rede sem naturalizar o conceito de rede, isto é, sem

imaginar que a constituição das redes resultou de uma evolução natural, inerente do capitalismo, ou que esse é um ponto de partida *dado* para pensar a globalização. A constituição das redes é um dos parâmetros do problema, que deve ser pensado a partir de sua constituição histórica e como um campo de controvérsias. A posição de Beck, apesar de passível de muitas críticas, apresenta o ponto favorável de analisar a globalização como algo problemático, um tema em aberto e passível de reconstrução, o que falta ao "otimismo contido" de Castells.

José Luiz Aidar Prado é professor assistente doutor do Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. É autor de *Brecha na comunicação*. É bacharel em filosofia pela USP e atual vice-presidente da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (COMPÓS).

Email [zupra@pucsp.br](mailto:zupra@pucsp.br)

#### *Bibliografia:*

- ARRIGHI, G.(1996). *O longo século XX*. Rio de Janeiro, Contraponto/Unesp.
- BECK, U. (1998) *Que és la globalizati6n?* Madri, Paid6s.
- BOURDIEU, P.(1998) *Contrafogos*. S6o Paulo, Jorge Zahar.
- BRAUDEL, F.(1986). *La din6mica del capitalismo*. Cidade do M6xico, Fondo de Cultura.
- CASTEL, R. (1998) *As metamorfoses da quest6o social*. Petr6polis, Vozes.
- CASTELLS, M. (1999) *A sociedade em rede*. S6o Paulo, Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1999a) *Fim de mil6nio*. S6o Paulo, Paz e Terra.
- CHESNAIS, F.(1997) "A emerg6ncia de um regime de acumulac6o financeira". In: *Praga*. S6o Paulo, Hucitec.
- DUPAS, G. (2000) *Economia global e exclus6o social*. (2<sup>a</sup> ed.) S6o Paulo, Paz e Terra.
- FEATHERSTONE, M. (org.)(1996) *Global culture*. London, Sage.
- FIORI, J.L.(1997) *Os moedeiros falsos*. Petr6polis, Vozes.
- HELD, D. e outros (1999) *Global transformations*. Stanford, Stanford University Press.
- HOBBSBAWN, E. (1995). *A era dos extremos*. S6o Paulo, Cia das Letras.
- JAMESON, F.(1996) *P6s-modernismo. A l6gica cultural do capitalismo tardio*. S6o Paulo, 6tica.
- RANCIÈRE, J.(1996) *O desentendimento*. S6o Paulo, 34.
- TORFING, J. (1999) *New theories of discourse*. Oxford, Blackwell.

---

<sup>1</sup> A topologia definida por redes determina que "a dist6ncia (ou intensidade e frequ6ncia da interac6o) entre dois pontos (ou posic6es sociais) 6 menor (ou mais frequente, ou mais intensa), se ambos os pontos forem n6s de uma rede do que se n6o pertencerem 6 mesma rede. Por sua vez, dentro de determinada rede os fluxos n6o t6m nenhuma dist6ncia, ou a mesma dist6ncia, entre os n6s. Portanto, a dist6ncia (f6sica, social, econ6mica, pol6tica, cultural) para

---

um determinado ponto ou posição varia entre zero (para qualquer nó da mesma rede) e infinito (para qualquer ponto externo à rede).

<sup>2</sup> Mais outro trecho: "O capital tende a fugir em seu espaço de pura circulação, enquanto os trabalhadores dissolvem sua entidade coletiva em uma variação infinita de existências individuais. Nas condições da sociedade em rede, o capital é coordenado globalmente, o trabalho é individualizado. A luta entre diferentes capitalistas e classes trabalhadoras heterogêneas está incluída na oposição mais fundamental entre a lógica pura e simples dos fluxos de capital e os valores culturais da experiência humana"(Castells, idem:503).

<sup>3</sup> Não vou discutir todas, na medida em que esse artigo não procura esgotar a análise de Beck, mas contrapor dois modos de análise, o de Castells e o de Beck.

<sup>4</sup> Falarei apenas de alguns dos pontos citados por Beck.